

A educação musical em projetos sociais:

A dimensão voluntária do cuidado por meio da música

MUSICAL EDUCATION IN SOCIAL PROJECTS:

THE VOLUNTARY DIMENSION OF CARE THROUGH MUSIC

Carlos Augusto Pinheiro Souto

Resumo

A educação musical em projetos sociais figura como ação recorrente junto às crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade pessoal e social. A música possibilita não apenas o desenvolvimento de competências técnicas em determinado instrumento musical, mas, sobretudo, oportuniza o desenvolvimento de competências sociais que favorecerão uma inserção social satisfatória. Dessa forma, a educação musical tem sido utilizada como meio de inclusão social e fortalecimento de vínculos familiares. Este trabalho visa, portanto, apresentar algumas dimensões do cuidado voluntário por meio da música, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência solidária que possa contribuir com a felicidade de crianças e adolescentes da periferia. Será usada bibliografia específica sobre a educação musical em projetos sociais e algumas referências a situações reais vividas pelo autor na coordenação de projetos sociais na periferia.

Palavras-chave: Cuidado. Educação Musical. Voluntariado.

Abstract

The musical education in social projects acts as recurrent action with kids and adolescents in personal and social permanent vulnerable situation. Music allows not only the development of technical competencies in a specific musical instrument, but mostly it helps in the development of social competencies that will favor a satisfactory social insertion. Thus, musical education has been used as a mean of social inclusion and strengthening of family connection. This paper aims to present dimensions of voluntary caring through music and a solidarity conscience that can contribute to poor children and adolescents happiness. A specific bibliography about musical education in social projects will be used, and some references to actual situations lived by the author in the coordination of social projects in poor areas.

Keywords: Caring. Musical education. Voluntary.

Considerações Iniciais

Como educador musical cristão tenho constatado, ao longo de 20 anos de atuação como docente no curso de Licenciatura Plena em Música, que a configuração social da periferia associada à formação do educador musical no Brasil tem contribuído para um esvaziamento de ações práticas e voluntárias naquele cenário urbano. A explicação é que a formação acadêmica do educador musical visa o mercado e não o ser humano. O objetivo da educação musical brasileira tem se limitado a uma formação de habilidades musicopedagógicas em detrimento de uma formação mais humana que possa, de forma efetiva, produzir transformação no contexto onde está inserida e promover os alunos a cidadãos. Ao mesmo tempo, o cenário violento e degradante da periferia afasta as ações de inclusão naquele contexto. Quando me refiro ao cuidado de crianças e adolescentes por meio da música, proponho o desenvolvimento de uma educação musical que possa, além de capacitar a criança para o fazer musical, contribuir, de forma mais efetiva com sua formação integral, libertação e protagonismo.

A despeito dos reducionismos recorrentes em torno da arte musical enquanto grande força social, “o poder da música está nas interações com os outros aspectos da cultura”.¹ Nesse sentido, a música não é concebida como algo que se esgota nela mesma, mas que, ao estabelecer relações com outros aspectos da cultura, adquire um poder capaz de nortear e ressignificar a própria vida.

Para David Hargreaves, a música tem várias funções na vida humana e quase todas elas são funções sociais. O autor diz que:

Usamos a musica para comunicarmos uns com os outros: através da música é possível estabelecer contatos com pessoas de ambientes culturais muito diferentes, mesmo quando os idiomas que falam sejam incompreensíveis entre si. A música pode despertar em nosso interior intensas e profundas emoções, as quais podem chegar a ser experiências compartilhadas entre pessoas e âmbitos bastante diferentes.²

Dessa forma, considerando a grande força social da música proponho, neste trabalho, uma reflexão sobre a dimensão voluntária do cuidado a crianças e adolescentes da periferia por meio da educação musical. A Bibliografia sobre esse assunto é exígua, portanto, farei aproximações teóricas com autores de educação musical que tratam sobre a

¹HAST, Dorothea E. **O poder transformador da música**. Belo Horizonte: Sete,1999. p.6.

²HARGREAVES, David. **The development of artistic and musical competence**. In: DELIEGI, Irene and Sloboda, David. **Musical Beginnings. Origins and Development of Musical Competence**. Oxford University Press.2000.p.45.

importância da música na educação, bem como sobre a função social da música e, ainda, de autores que abordem temas relacionados a periferia. Minha intenção é iniciar uma reflexão que provoque uma ação voluntária e efetiva junto as crianças e adolescentes em permanente situação de vulnerabilidade pessoal e social.

A dimensão voluntária do cuidado por meio da educação musical

A condição de vida de uma grande parte dos moradores da periferia retrata, de forma real, a luta diária pela sobrevivência a qual crianças, jovens e adultos estão submetidos. Nesses contextos, é comum encontrar o pai saindo, ainda de madrugada, com o filho mais velho, empurrando um carrinho ou numa carroça para fazer a coleta de materiais recicláveis e a devida seleção dos mesmos. Ao mesmo tempo a mãe, tentando aumentar a renda familiar, também sai cedo para o trabalho. Outrossim, encontramos famílias que encaminham os filhos desde cedo para exercerem alguma atividade remunerada. Em alguns casos a mãe ou a avó levam suas filhas para ajudar nos trabalhos de diarista, bem como há aquelas famílias que permitem que os filhos peçam dinheiro na rua.

Essa necessidade de trabalhar e ganhar dinheiro é inculcada na criança desde cedo. A criança observa seus irmãos mais velhos trabalhando e acaba copiando esse modelo. Para muitos pais, o envolvimento de seus filhos com o trabalho impedirá que os mesmos fiquem na rua ociosos e vulneráveis às ações marginais. Os pais procuram envolver os filhos em uma atividade que possa gerar renda para a família e, ao mesmo tempo, garanta o seu afastamento da marginalidade. Sobre isso, Oliveira diz que:

Muitas famílias conjugam a necessidade da colaboração dos filhos na manutenção da família e a percepção do trabalho como um valor, inclusive pedagógico, contraposto à marginalidade e à vida do crime.³

Rinaldo Sérgio Vieira Arruda, diz que a necessidade de engajamento nessa dinâmica imposta pelo processo de acumulação capitalista, acaba produzindo um excedente populacional para atender as necessidades imediatas do capital. Para Arruda:

Essa população pauperizada sobrevive de subempregos, empregos intermitentes, mendicância e toda e qualquer oportunidade de garantir a sobrevivência, incluindo aí as atividades consideradas criminosas.⁴

³OLIVEIRA, Anazir Maria de et al. **Favelas e as organizações comunitárias**. Coordenação: Cyntia Paes de Carvalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p. 29.

⁴ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Pequenos Bandidos**: um estudo sobre a gestação dos meninos infratores na cidade de São Paulo. São Paulo: Global. Ed., 1983. p. 17.

Essa dinâmica social da periferia legitima o consumo e o tráfico de drogas como meio econômico de vida; atrai para a comunidade a presença ostensiva da polícia; potencializa a violência, que ocorre a partir da briga constante de grupos rivais pelo domínio do território e desencadeia uma rotina de assaltos a mão armada nas proximidades da periferia. Tudo isso, associado ao constante confronto de traficantes com a polícia, acaba afastando as ações de intervenção social na periferia.

A atuação policial na periferia, por sua vez, se caracteriza pelo autoritarismo e desrespeito aos moradores. As buscas e apreensões nas vilas e barracos ocorrem sem mandado judicial e são feitas de forma violenta não poupando ninguém que esteja por perto. Por se tratar de morador da periferia a polícia logo trata de associá-lo ao crime, principalmente se for negro.

O mundo da periferia só é percebido na sociedade, em geral, quando a imprensa noticia casos de violência, tráfico de drogas, entre outras notícias que fazem com que a periferia seja vista como um inferno social. A imprensa potencializa essa ideia de que naquele cenário urbano não há nada de bom. Essa ideia vincula a criminalidade à periferia fazendo com que os moradores do asfalto reforcem seus preconceitos sobre aquele lugar. Outrossim, os próprios moradores da periferia sentem-se discriminados por essa carga negativa que lhes é imposta por residirem ali. Oliveira, muito oportunamente, diz que a imprensa divulga a criminalidade da favela, no entanto, trata o crime com menos ênfase em outros meios sociais. A dimensão fraterna e solidária que existe na periferia não é veiculada pelas mídias sociais. A autora diz que: “Priorizam-se as notícias sobre a violência, [...], não divulgando com a mesma ênfase o cotidiano da favela e de suas organizações comunitárias”.⁵

As crianças e adolescentes que residem nas periferias são estigmatizadas. Na escola são tratadas de “vileiras” ou outros termos correlatos tão depreciativos quanto aquele. O tratamento já explica um certo distanciamento. No convívio social essas crianças são vistas como perigosas por estarem cotidianamente num cenário composto pela violência, uso de drogas e pobreza. O contexto degradante onde essas crianças residem as expõem ao lixo e às doenças resultantes da falta de saneamento básico. É comum encontrar nesses espaços geográficos crianças descalças, sujas e sem muitas perspectivas para a vida.

⁵ OLIVEIRA, 1993. p.48.

A partir desse quadro é fácil entender o porquê de certa dificuldade em desenvolver projetos na periferia. Realmente o cenário não inspira nenhuma admiração nem produz sensação de segurança e conforto. Pelo contrário, o sentimento é de medo e insegurança. No entanto, é preciso considerar a periferia como lugar de proclamação do Reino de Deus. É preciso estar na periferia, conviver com a periferia, conhecer a periferia e todas as suas particularidades. É preciso sentir o medo, a frustração, a insegurança de estar na periferia. Muito mais do que estar na periferia, é preciso viver a periferia. As pessoas que ali vivem são amadas por Deus e precisam conhecer o seu Reino, mas “como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue?” (Rm 10.14).

Há uma necessidade premente de os cristãos desenvolverem a sensibilidade humana diante desse quadro opressor presente na periferia. Falo não apenas no que diz respeito à melhoria dos aspectos sociais e econômicos, mas, sobretudo, numa libertação que transforme integralmente a realidade daquelas pessoas. Muitas pessoas que ali estão já se entregaram à própria sorte. Em decorrência do projeto que desenvolvo na periferia, tenho contato permanente com pessoas soropositivos e viciados no crack que perambulam nas ruas e reviram os lixos sem nenhuma preocupação em contrair doenças. O que vale a vida pra essas pessoas? Conheço o caso de uma senhora que entregou o seu próprio esposo para manter relações sexuais com uma jovem soropositivo, em troca de algumas pedras de crack. Jorge A. León diz que:

Necessitamos desenvolver nossa sensibilidade humana diante da realidade da pobreza em todas as suas manifestações. Não podemos resolver todos os problemas. Certamente Jesus também não resolveu todos os problemas de sua época, mas não cruzou os braços, não deixou de se solidarizar com os humildes em seu sofrimento. É necessário que a igreja tome consciência da realidade de todas as misérias humanas, tanto as econômicas como as não econômicas, não para transformar-se num partido político ou em algo desse tipo, mas para tentar influir na comunidade a fim de solucionar dificuldades.⁶

O processo de desenvolvimento dessa sensibilidade só pode ser iniciado a partir do momento em que se vive a realidade da periferia. A violência, sujeira, extrema pobreza não deve servir de obstáculos para uma ação efetiva naquele lugar. O evangelho precisa ser anunciado e vivido com as pessoas que moram na periferia. Não se trata de falar de longe,

⁶ LEÓN, Jorge A. **A caminho de uma evangelização restauradora**. Tradução de Mônica Malschitzky. – São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010. p. 105.

mas de envolver-se plenamente com a periferia. Como cristãos não podemos passar ao largo da periferia, indiferentes e desatentos à situação degradante de humilhação e sofrimento que vivem aquelas pessoas. Nem, tampouco falar sobre os pobres ou sobre a periferia dos gabinetes pastorais.

O que proponho, portanto, é que coloquemos, de forma voluntária, nossas habilidades a serviço desse povo e, ao servi-los, proclamemos o Evangelho libertador de Jesus Cristo. Para isso acontecer de forma plena, é preciso que estejamos lá. É preciso desenvolver ações na área da saúde, na educação, na higiene, na promoção dos direitos e deveres sociais, na teologia e tantas outras áreas que possam oportunizar a criação de vínculos com a comunidade e contribua significativamente com a sua libertação e real protagonismo.

A palavra voluntario, se refere a uma ação que é feita por livre e espontânea vontade. Assim, educação musical voluntária é uma ação motivada por um desejo espontâneo de servir ao próximo por meio da música. Não estando, dessa forma, ligada, em sua motivação inicial, ao cumprimento de obrigações acadêmicas ou como forma de auferir recursos financeiros ou qualquer outro interesse pessoal.

Foi a partir da educação musical, de forma voluntária, que comecei a criar fortes vínculos com comunidades periféricas e tive a oportunidade de ver a realidade de muitas famílias mudar. Crianças que tinham tudo para enveredarem pelo mundo das drogas iniciaram o processo de aprendizado musical e, atualmente, fazem parte de orquestras e grupos correlatos e outras ingressaram no ensino superior. Além dessas inserções, por meio da música, algumas famílias tiveram suas vidas ressignificadas a partir de um encontro com Deus.

Quando o educador musical cristão assume sua condição de colaborador da *missio* Dei e atende ao chamado de proclamar o Reino de Deus a todas as pessoas, suas habilidades musicais e formação acadêmica são colocadas à disposição do Reino. Não obstante toda a orientação tecnicista que o educador musical brasileiro recebe, bem como a necessidade premente de um engajamento no mercado de trabalho, há que se orientar os educadores musicais cristãos a respeito de uma educação musical que sirva aos propósitos do Reino e não reforce a exclusão social..

Considerações Finais

Considerando essa força indômita e multidimensional da música a educação musical, desenvolvida na periferia para crianças e adolescentes em permanente risco social, pode constituir-se como instrumento da *missio Dei*. Nesses contextos mesmo que a igreja, enquanto instituição religiosa, não esteja presente, o vento do Espírito sopra e produz transformação e libertação pela música. Esses lugares de violência e exclusão onde o discurso de fé muitas vezes é assumido de forma proselitista e, em muitos casos, opressor, pode constituir-se como cenário para a libertação por meio da música.

Proponho, a partir daqui, uma reflexão mais atenta sobre a educação musical, em sua dimensão voluntária, em contextos periféricos no que diz respeito ao cuidado junto às crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Sugiro, então, que possamos pensar juntos/as numa educação musical que além de favorecer o desenvolvimento cognitivo e psicomotor, a aquisição técnica e a sociabilidade da criança, contribua com a inclusão dessa criança no Reino de amor, justiça e paz de Deus, oportunize a proclamação e o desenvolvimento dos valores desse Reino e promova profundas transformações naquele contexto urbano tão marcado pelo abandono e indiferença.

Referências

- ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Pequenos Bandidos**: um estudo sobre a gestação dos meninos infratores na cidade de São Paulo. São Paulo: Global. Ed., 1983.
- HARGREAVES, David. **The development of artistic and musical competence**. In: DELIEGI, Irene and Sloboda, David. **Musical Beginnings. Origins and Development of Musical Competence**. Oxford University Press.2000.
- HAST, Dorothea E. **O poder transformador da música**. Belo Horizonte: Sete,1999.
- LEÓN, Jorge A. **A caminho de uma evangelização restauradora**. Tradução de Mônica Malschitzky. – São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2010.
- OLIVEIRA, Anazir Maria de et al. **Favelas e as organizações comunitárias**. Coordenação: Cyntia Paes de Carvalho. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.